



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 21/11/2014

BRASIL	2
Cae el precio de la carne bovina, pero el mercado de la hacienda en pie sigue firme.....	2
Precios de la hacienda aumentaron un 8 por ciento en el mes de octubre.....	2
CHINA Y BRASIL ACUERDAN REAPERTURA - ARABIA SAUDITA EN AVANZADAS NEGOCIACIONES	2
China retiró oficialmente la prohibición - Comercio se ampliaría entre 800 a 1200 millones de dólares	2
Arabia Saudita acordó levantar la suspensión sobre Brasil, luego de una inspección veterinaria.....	3
Operaciones comenzarían en diciembre próximo.....	4
ABIEC mercado chino es estratégico para los exportadores brasileños.....	4
Reapertura no afectaría las ventas a Hong Kong.....	5
Potencialidad del mercado chino.....	5
Valor exportado a octubre alcanzó 6000 millones de dólares, Hong Kong y Rusia principales mercados	6
URUGUAY	6
La faena alcanzó el máximo volumen del año El precio promedio de exportación se ubicó en récord histórico; la mayoría de los novillos se están comercializando a US\$ 3,50.....	6
Existencias de ganado vacuno alcanzaron una cifra récord.....	7
Intención de ampliar el uso de escáner en la faena continúa vigente INAC espera informe técnico de los equipos locales.....	7
MGAP prepara veterinarios para certificación La certificación electrónica para la faena es un hecho.....	8
Siguen negociando apertura de Arabia para vacunos en pie.....	8
Esperan que reapertura de Turquía mejore precio de terneros en 2015 Embarques estarán operativos a partir de enero de 2015.....	9
INAC sumó a la Junta Directiva dos nuevas sillas para gremiales. Ingresaron un representante por los productores y otro por el abasto.....	9
Presidente de la ARU alertó que el aumento de costos es estructural.....	10
PARAGUAY	11
Paraguay supera a Uruguay y ya es sexto exportador de carne, dice.....	11
La exportación de harina "pisa los talones" a envíos de carne vacuna.....	11
Más control de Rusia a Frigochorti.....	11
UNIÓN EUROPEA	12
Producción comunitaria de carnes bovinas se mantendrá estable 2014/15.....	12
ITALIA debe mejorar el bienestar animal en los mataderos, según un informe de la FVO.....	12
Suspendidos los movimientos de aves en Países Bajos tras la detección de un brote de gripe aviar También se ha detectado otro brote de gripe aviar en Reino Unido.....	13
ESTADOS UNIDOS	13
Reducen la proyección de la producción de carnes bovinas para 2015.....	13
Ganaderos podrían verse beneficiados por un "mini – boom" en los próximos años.....	13
VARIOS	14
CHINA y AUSTRALIA firmaron un TLC - Carnes, lácteos y otros rubros serán los favorecidos.....	14
RUSIA: Estudian implantar un límite máximo a la venta de carnes de origen importado a nivel minorista.....	14
CHINA abre mercado a las carnes rojas CHILENAS Autoridades publicaron listado de plantas procesadoras autorizadas para exportar.....	14
NUEVA ZELANDIA y COREA DEL SUR negociaron acuerdo de libre comercio. Arancel de la carne bovina se reduciría en los próximos quince años.....	15
EMPRESARIAS	15
Minerva reportó pérdidas por R\$ 193,8 millones.....	15
JBS registró ganancias récords en el tercer trimestre de 2014.....	16
JBS compra la mayor empresa australiana productora de chacinados.....	16



BRASIL

Cae el precio de la carne bovina, pero el mercado de la hacienda en pie sigue firme

Sexta-feira, 21 de novembro de 2014 - A oferta de animais está limitada e mantém o mercado firme na maioria das regiões pecuárias.

Em São Paulo, os negócios ocorreram em R\$144,00/@, à vista, na última quarta-feira (19/11), sendo que existiram algumas compras acima da referência. A dificuldade na compra praticamente não permite negócios em valores menores.

Nos últimos dias houve ligeira melhora na oferta de bovinos terminados, o que possibilitou o alongamento das escalas de abate.

Em Mato Grosso do Sul, por exemplo, o quadro fez com que os preços caíssem em Campo Grande e em Três Lagoas.

O escoamento da produção, no entanto, não acompanhou este movimento e a pressão de estoque impossibilitou a manutenção dos patamares de preços vigentes até então.

No mercado atacadista de carne com osso, o boi casado de animais castrados caiu para R\$8,44/kg. O recuo em relação à semana anterior foi de 6,3%.

Assim, houve redução da margem da indústria que não realiza desossa. A margem do Equivalente Scot Carcaça caiu de 16,6% para 10,6% na semana.

Precios de la hacienda aumentaron un 8 por ciento en el mes de octubre

Em outubro, arroba sobe 7,6% em São Paulo e futuro aponta boi a quase R\$ 145.

Como ocorre sempre que o preço da arroba tem uma alta forte, a maioria dos pecuaristas que tinham boi pronto para abate resolveu segurar a boiada a partir da segunda quinzena de outubro, à espera de novos reajustes, que, por sinal, vieram, fechando o mês de outubro em R\$ 140, segundo o boletim da Informa EconomicsFNP. A retenção do gado pronto quando ocorre a alta forte, como registrado no fim de outubro, é uma reação instintiva do pecuarista, motivada pelo temor de vender e “perder” dinheiro se o preço continuar a subir. Esse movimento provoca uma exacerbação no quadro de escassez no mercado.

Na onda da alta no físico, o mercado futuro também subiu, com ofertas de R\$ 143,55 para os contratos em liquidação em novembro e R\$ 144,85 para dezembro. O mercado vive um movimento típico de alta no ciclo da pecuária em que tudo contribui para a subida do preço em toda a sua cadeia da produção - bezerro, boi magro e boi gordo.

O fecho ocorre com aumento da retenção de matrizes para a produção de bezerras. A redução na oferta de fêmeas para abate, por causa da retenção de matrizes, desequilibra o mercado de bovinos. Até onde o preço da arroba pode chegar? Até onde o consumidor _ que é o mercado _ conseguir pagar pela carne bovina. Quando não consegue, muda para outras carnes, como as de frango, de suínos e de peixes. Nos últimos 30 dias, o preço de cortes de traseiro no atacado subiu 13,1% e o do dianteiro, 7,8%, atingindo, respectivamente, R\$ 10,30 e R\$ 6,90 o quilo, R\$ 1,20 e R\$ 0,50 a mais do que no fim de setembro, segundo levantamento da Scot Consultoria, de Bebedouro, SP.

CHINA Y BRASIL ACUERDAN REAPERTURA - ARABIA SAUDITA EN AVANZADAS NEGOCIACIONES

China retiró oficialmente la prohibición - Comercio se ampliaría entre 800 a 1200 millones de dólares

Governo brasileiro espera vender de US\$ 800 milhões a US\$ 1,2 bilhão em carne para a China no ano de 2015

Fonte: Portal DBO17 de novembro, 2014 - A China retirou oficialmente o embargo à carne bovina brasileira. O acordo foi assinado pela presidenta Dilma Rousseff e o presidente chinês, Xi Jinping, neste domingo, 16, durante intervalo da reunião de Cúpula do G20, em Brisbane, na Austrália. A medida já havia sido anunciada em julho deste ano pelo presidente da República Popular da China, durante a VI Cúpula do Brics em Fortaleza (CE), contudo dependia de ajustes técnicos para entrar em vigor.

Com o acordo bilateral, a expectativa do governo brasileiro é vender de US\$ 800 milhões a US\$ 1,2 bilhão de carne para China só em 2015.

A liberação ocorreu após dois dias de reuniões entre o corpo técnico das duas nações, quando foram finalizados os ajustes ainda pendentes para a retomada dos embarques do produto para o país asiático.

No sábado, 15, o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Neri Geller, e o ministro da Agência de Supervisão da Qualidade, Inspeção e Quarentena da China (AQSIQ), Zhi Shuping, trataram do assunto.

“A reabertura deste enorme mercado é mais uma vitória alcançada a partir da qualidade e da segurança do sistema de defesa sanitária animal e vegetal do Brasil. A decisão do governo da China é o reconhecimento ao nosso rigoroso processo de produção e de fiscalização”, declarou Geller, em nota.



No encontro, Zhi Shuping assegurou que a retirada do embargo será acompanhada da aceleração dos processos para a liberação de plantas brasileiras de carne bovina.

O embargo foi imposto em 2012, quando foi notificado um caso atípico de encefalopatia espongiforme bovina (ou Mal da Vaca Louca) em uma vaca no Paraná.

Em 2009, quando o Brasil iniciou as exportações, a China importava US\$ 44 milhões em carne bovina do mundo. Deste total, o Brasil respondeu por US\$ 2,5 milhões. Em 2012, a China importou de todo o mundo US\$ 255 milhões, sendo US\$ 37,768 milhões do Brasil. Em 2013, foram adquiridos pelos chineses US\$ 1,3 bilhão em carne bovina.

A China é considerada o principal parceiro comercial do Brasil. Só em 2013, o comércio entre os dois países superou os US\$ 83 bilhões.

Arabia Saudita acordó levantar la suspensión sobre Brasil, luego de una inspección veterinaria

10/11/2014 A suspensão definitiva do embargo imposto pelo país árabe à carne bovina brasileira só depende agora de visita do corpo técnico daquele país ao Brasil, o que ocorrerá em breve, e posterior assinatura de decreto pelo rei Abdallah. O sinal positivo foi dado neste domingo (10) ao ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Neri Geller, por seu colega de pasta da Arábia Saudita, ministro Fahd bin Abdulrahman Balghunaim, e pelo CEO da Saudi Food and Drug Authority (FDA), Mohammed bin Abdulrahman Al Mishal, autoridade máxima do país para importação de produtos agropecuários. O entendimento vai derrubar um embargo de mais de dois anos, motivado pelo caso atípico de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB) registrado no Brasil em dezembro de 2012.

Para o ministro Neri Geller, a reabertura deste mercado é um avanço no esforço do governo brasileiro de restabelecer o comércio entre os dois países. “A recuperação deste mercado fortalece ainda mais a posição do país como uma referência no atendimento à crescente demanda mundial por alimentos e reforça a confiança do mercado internacional na robustez do nosso sistema de vigilância sanitária animal”, enfatiza Geller, o primeiro ministro da pasta a cumprir uma agenda oficial na Arábia Saudita.

A decisão Saudita é vista como estratégica para a produção de carnes do Brasil, tanto pelo volume, que pode crescer às vendas do setor, quanto pela possibilidade de abertura imediata de outros mercados do Golfo Pérsico como Kuaite, Bahrein, Omã, Emirados Árabes Unidos e Catar, ampliando a pauta atual. Em 2012, antes do embargo, o Brasil exportou cerca de US\$ 200 milhões (mais de 33 mil toneladas) em carne bovina para a região do Golfo.

De janeiro a outubro deste ano, as vendas do agronegócio do Brasil para o país árabe registram um volume de US\$ 1,75 bilhão, com destaque para a carne de frango, com negociações em torno de US\$ 1,04 bilhão - o mercado brasileiro é a origem de 75% das importações de frango da Arábia Saudita. Em segundo e terceiro lugares na lista de maiores embarques estão, respectivamente, o setor sucroalcooleiro, com US\$ 377 milhões, e o complexo soja (soja em grãos), com US\$ 149 milhões.

Este desempenho reafirma o resultado verificado em 2013 quando as vendas para a Arábia Saudita registraram um total de US\$ 2,49 bilhões em produtos agropecuários. A liderança ficou com a carne de frango (US\$1,41 bilhão), seguida pelo complexo sucroalcooleiro (US\$ 481 milhões). A relação comercial entre os dois países registra também participação expressiva nas vendas de milho que, em 2013, fecharam em 1,1 mil de tonelada.

Sucroalcooleiro

Em reunião promovida pelo embaixador brasileiro em Rihad, Flavio Marega, o ministro Geller recebeu o CEO do grupo AKS Saeed Saudi Arabia, Khalid Saleh Almusa, do setor açucareiro saudita, que apresentou projeto da ordem de US\$ 200 milhões de investimento em uma refinaria a ser construída no país árabe. A intenção do AKS é abastecer esta unidade com a importação de aproximadamente 1 milhão de tonelada anual do produto brasileiro, até 2017.

O grupo é apoiado pelo Fundo de Agricultura Saudita, entidade que financia a iniciativa privada do país árabe na negociação com outros mercados. Geller destacou o potencial de crescimento do setor sucroalcooleiro e se comprometeu na interlocução direta com o segmento para o avanço das negociações. “Este é um investimento que interessa muito ao Brasil e posso garantir, em nome da presidente Dilma Rousseff, que não faltará empenho do nosso governo para que ele seja viabilizado”, garantiu Geller.

A delegação liderada pelo ministro Neri Geller é composta também pelo secretário de Relações internacionais do Mapa, Marcelo Junqueira, pelo diretor do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (DIPOA), Leandro Feijó, técnicos do ministério e representantes de entidades do setor, com a Associação Brasileira da Indústria de Exportação de Carnes (Abiec) e Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). Depois da Arábia Saudita, a missão segue para a China e Malásia.

Relação comercial Brasil-Arábia Saudita

O Brasil exporta para a Arábia Saudita: carnes, complexo sucroalcooleiro, complexo soja, cereais, farinhas e preparações, produtos florestais, Café, lácteos, couros, produtos de couros e peleteria, sucos, rações para animais, chá, mate e especiarias, produtos alimentícios diversos, frutas (inclui nozes e



castanhas), demais produtos de origem vegetal, demais produtos de origem animal, fibras e produtos têxteis, cacau e seus produtos, produtos oleaginosos (exclui soja).

,MAPA 18/11/14 O Brasil deve iniciar as exportações de carne para a China e para a Arábia Saudita em dezembro. A afirmação foi do ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Neri Geller, em coletiva de imprensa na tarde desta terça-feira (18). De acordo com o ministro a reabertura destes mercados, garantidos em missões aos dois países realizadas na última semana, deve gerar de 700 a até 1,2 bilhão de dólares já no próximo ano.

Em 2012, no último ano antes do embargo, as exportações de carne bovina para a China alcançaram US\$ 74,87 milhões e US\$ 156 milhões com as vendas do produto para a Arábia Saudita.

O governo chinês já retirou oficialmente o embargo da carne e de imediato 18 plantas frigoríficas estão habilitadas a exportar, sendo oito de carne de aves; uma de carne suína e nove estabelecimentos de carne bovina. No caso da Arábia Saudita, seguindo a burocracia daquele país, ainda será realizada inspeção por amostragem em alguns estabelecimentos brasileiros, seguida de assinatura de um decreto do Rei Abdulla para que sejam iniciadas às negociações comerciais com o setor privado do Brasil.

Neri Geller frisou que o sucesso das missões aos dois países não se resumem aos resultados dessas negociações. Segundo ele, a reabertura do mercado saudita é estratégica também pela possibilidade de abertura imediata de outros mercados do Golfo Pérsico. Disse ainda que o potencial de crescimento se traduz em várias outras vantagens para a bovinocultura nacional como a geração de empregos, a industrialização do setor e a incorporação de tecnologia. “Isso gera superávit na balança comercial, e movimenta a economia nacional”, completou.

Operaciones comenzarán en diciembre próximo

Fonte: Agência Brasil 19 de novembro, 2014 - A China e a Arábia Saudita devem voltar a comprar carne bovina brasileira até dezembro deste ano, afirmou nesta terça-feira, 18, o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Neri Geller. Os dois países embargaram o produto e em 2012, em função da ocorrência de um caso atípico de encefalopatia espongiforme bovina (EEB), popularmente conhecida como mal da vaca louca.

Geller, que participou de missões brasileiras nos dois países, neste mês, informou que, no caso da China, o acordo é que o país volte a importar o produto na próxima semana, com os embarques brasileiros para os asiáticos recomeçando na primeira quinzena de dezembro. O fim do embargo já havia sido anunciado em julho, após entendimento entre a presidenta Dilma Rousseff e o presidente chinês, Xi Jinping. No entanto, a retirada oficial da restrição só ocorreu neste sábado (15).

No caso da Arábia Saudita, uma delegação do país ainda fará visitas a frigoríficos brasileiros na próxima semana. Segundo o ministro, esse é o último passo antes da liberação. “Diferentemente do Irã, onde se assina o protocolo e se libera, eles precisam vistoriar por amostragem e fazer um decreto”, disse Geller. De acordo com ele, a previsão é retomar as vendas na segunda quinzena de dezembro.

De acordo com dados do Ministério da Agricultura, em 2012, antes do embargo, a China importou US\$ 74,87 milhões em carne bovina, no Brasil. Com a retomada das exportações brasileiras, a perspectiva é que as vendas para a China atinjam entre US\$ 700 milhões e US\$ 1,2 bilhão, em função do aumento do consumo. Atualmente, as vendas para a China acontecem via Hong Kong, que é o maior comprador do produto brasileiro e a tendência é que parte destas compras passem a ser feitas diretamente pela China.

Já para o Golfo Pérsico, onde fica a Arábia Saudita, importou US\$ 250 milhões. A receita foi de US\$ 156 milhões com as vendas de carne bovina somente para a para a Arábia Saudita. Para o Golfo Pérsico, a expectativa é que as vendas variem entre US\$ 500 e US\$ 600 milhões.

O caso de doença da vaca louca no Brasil foi detectado em um animal morto em 2010, em Sertãoópolis (PR). Mais tarde, foi constatado que o caso era atípico, menos perigoso que a variedade clássica da doença. Diferentemente da variedade clássica, na qual o risco de contágio é maior, os casos atípicos não são causados por ingestão de ração contaminada. A EEB se desenvolve por razões genéticas, quando o animal já está velho.

ABIEC mercado chino es estratégico para los exportadores brasileños

Ásia será responsável por 56% do aumento da demanda por proteína animal de todo o mundo

Fonte: Portal DBO 17 de julho, 2014 - A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) destacou a importância estratégica do mercado chinês após o anúncio do fim do embargo à carne bovina brasileira, na tarde desta quinta-feira, 17. “Segundo a FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations), nos próximos 10 anos, a Ásia – em particular, a China – será responsável por aproximadamente 56% do aumento da demanda por proteína animal de todo o mundo.”

O embargo foi imposto em 2012, após o caso atípico de encefalopatia espongiforme bovina (EEB, também conhecido como Mal da Vaca Louca) registrado no Paraná. O Brasil tem atualmente 8 plantas



habilitadas para atender o mercado chinês. Com o anúncio de hoje, a China concordou em habilitar outras 9 plantas frigoríficas.

Conforme a associação, o Brasil já exporta para Cingapura, Malásia, Filipinas e Vietnã, além de Hong Kong, e negocia a abertura de mercado com Indonésia, Tailândia e Mianmar. "A constante evolução do status sanitário do Brasil deverá abrir as portas também para estes mercados"

Reabertura no afectaría las ventas a Hong Kong

Fonte: Reuters 18 de julho, 2014 - A reabertura do mercado chinês à carne bovina do Brasil deverá gerar receita anual adicional de até US\$ 1,2 bilhão em 2015, e não deve afetar o firme ritmo das vendas para Hong Kong, disse nesta sexta-feira o presidente da associação brasileira de exportadores.

O anúncio da suspensão do embargo da China à carne brasileira foi feito na véspera, durante visita do presidente chinês ao Brasil. Os chineses haviam suspenso as compras do produto brasileiro em função da descoberta de um caso atípico de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB) no Paraná, no final de 2012.

Durante o período em que a China esteve afastada do mercado brasileiro, Hong Kong ganhou fatia maior no ranking dos principais destinos para a carne brasileira, rivalizando com a Rússia, tradicional comprador.

"Acreditamos que deve seguir fortalecido por outros fatores, após um trabalho que fizemos anterior à abertura do mercado chinês (para embarcar produtos) de maior valor agregado", disse o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), Antonio Camardelli ao ser questionado se abertura da China afetaria as vendas para Hong Kong.

Ele disse não acreditar que o avanço da China, que costuma receber o produto brasileiro indiretamente por Hong Kong, afetará as vendas para essa Região Administrativa Especial do país asiático.

Ele argumentou que, atualmente, Hong Kong compra mais produtos de valor agregado, diferentemente do que ocorria no passado, quando as aquisições estavam mais baseadas em miúdos. Esta mudança de perfil permitiu uma melhora no diferencial de preços médios no comparativo de carnes com miúdos, acrescentou.

O presidente da Abiec explicou que a característica do Brasil é de suprir quantidades e manter perenidade de oferta, diferentemente de outros países concorrentes.

Importantes produtores de carnes do mundo, como Estados Unidos e Austrália, enfrentam problemas por custos elevados e efeitos climáticos sobre os seus rebanhos.

A China havia habilitado oito plantas brasileiras a exportar ao país, antes de impor um embargo ao produto brasileiro.

Além destas, a expectativa é da entrada de mais nove unidades que já foram visitadas e preencheram todos os requisitos, e estão aptas para exportar ao mercado chinês.

"De concreto, seriam oito que já eram aprovadas antes, mais nove que já estão aptas e aguardando autorização (para embarcar)", disse Camardelli.

A Abiec não alterou suas estimativas de exportações recorde de 1,8 milhão de toneladas e US\$ 8 bilhões em receita em 2014, considerando que o retorno da China será gradual.

Camardelli observou que os embarques tradicionalmente ganham força no segundo semestre, por importações maiores de países muçulmanos após o fim do Ramadã, do Chile e por compras de países que operam com sistemas de cotas.

Potencialidad del mercado chino

18 de julho, 2014 - O consumo de carne bovina per capita na China aumentou 8% entre 2002 e 2012. A expectativa é a de que esse volume continue crescendo gradativamente, impulsionado principalmente pela ascensão da classe média naquele país.

A quantidade média de carne de boi consumida por habitante chinês ao ano está por volta de 5 kg, mas, nas cidades, onde o poder aquisitivo é maior, o volume também é superior, segundo dados apresentados na 12ª Conferência de Ovinos e Bovinos do Agri benchmark, realizada entre 4 e 12 de junho em Turim, na Itália.

Considerando-se que a população chinesa atual supera 1,3 bilhão de habitantes (ou 20% da população mundial), um incremento de apenas 100 gramas por pessoa ao ano já resultaria em um acréscimo na demanda mundial de 1,3 milhão de toneladas do produto em dez anos. Nos centros urbanos da China, o consumo de carne bovina por habitante tem potencial para se expandir em bem mais do que 1 kg nos próximos anos, mas, em áreas rurais, o crescimento no volume consumido deve ser bem menor.

Países como a Austrália e principalmente a Índia estão se preparando para o avanço da demanda – os indianos, com a exportação de carne de búfalo. Para o Brasil, o desafio é continuar ampliando a produtividade, seja para garantir sustentabilidade do pecuarista nacional seja para atender ao maior consumo mundial de carne, com destaque para a China. Nos últimos anos, a demanda chinesa por proteína foi suprida pela aquicultura, suinocultura e avicultura.



Com a demanda aquecida pela carne bovina na China, o preço da carcaça de boi subiu fortemente naquele país nos últimos anos. O valor do quilo da carcaça pago ao pecuarista chinês, que até 2005 não chegava a US\$ 3, ultrapassou os US\$ 9 em 2013, mais que o triplo do recebido pelo produtor brasileiro no mesmo período. Entre os países analisados no contexto do Agri benchmark, o aumento do preço da carcaça na China foi o maior nesse intervalo (2005-2013).

Os custos de produção também subiram, com o aumento mais expressivo ocorrendo, igualmente, na China, de 167%, entre 2005 e 2013 (veja gráfico abaixo). No Brasil e na Argentina, os custos também mais que dobraram no período, mas, em valores absolutos, continuam expressivamente abaixo dos custos chineses. Já nos países europeus, as altas foram menos intensas. A expectativa é que, no longo prazo, ocorra uma aproximação dos custos em valores absolutos entre os países.

Valor exportado a outubro alcanzó 6000 millones de dólares, Hong Kong y Rusia principales mercados

12 de novembro, 2014 - A exportação de carne bovina brasileira registrou alta de 17,47% em quantidade em outubro em relação a setembro. Foram negociadas 140,6 mil toneladas do produto no mês passado.

Em receita, o incremento foi de 20,82% em relação ao mês de setembro, com o faturamento de US\$ 687,7 milhões. Este resultado é o segundo maior registrado no ano, atrás apenas de julho, quando foram registrados US\$ 697 milhões.

O principal destino do produto brasileiro foi a Rússia, que importou 36,8 mil toneladas em outubro, alta de 5% sobre o mês de setembro. O faturamento com as exportações para o mercado russo somou US\$ 159,6 milhões, 4% a mais que setembro de 2014 e 55% maior que em outubro de 2013.

A Venezuela também voltou a figurar entre os principais compradores, com 16,9 mil toneladas importadas e faturamento de US\$ 88,5 milhões.

Acumulado - De janeiro a outubro as exportações de carne bovina registraram alta de 9,56% em faturamento e de 5,13% em volume, comparado com o mesmo período do ano passado. Em 2014, o país já exportou 1,307 milhão de toneladas ante 1,243 milhão em 2013. As vendas neste ano alcançaram US\$ 6 bilhões contra US\$ 5,4 bilhões registrados no ano anterior.

Os principais mercados para a carne bovina brasileira continuam sendo Hong Kong e Rússia. O volume exportado para Hong Kong ultrapassa 326 mil toneladas, um crescimento de 6,59%, e o faturamento com as vendas para este mercado atinge mais de US\$ 1,38 bilhão, com aumento de 13,79%.

Já as vendas para a Rússia acumulam altas de 9%, com o envio de mais de 290 mil toneladas, e faturamento de US\$ 1,2 bilhão, crescimento de 16,57%.

URUGUAY

La faena alcanzó el máximo volumen del año El precio promedio de exportación se ubicó en récord histórico; la mayoría de los novillos se están comercializando a US\$ 3,50

+ Por Blasina y Asociados, especial para El Observador - 21.11.2014 El mercado de vacunos mantiene la interesante dinámica de la semana pasada. La oferta se sigue incrementando y la demanda dispuesta a absorber el aumento, ayudada por buenos precios de exportación que se reflejaron en un valor récord para la tonelada exportada. En consecuencia, la faena sigue subiendo y los precios se mantienen firmes. Por su parte, en ovinos también persiste la ágil operativa y los buenos valores por los ganados.

Si bien la mayoría de los negocios se hacen a US\$ 3,50, los mejores novillos pueden aspirar algunos centavos más. Para la vaca, categoría con abultada oferta, el rango de precios es amplio y va de US\$ 3,25 a US\$ 3,35. Las entradas se han acortado y –aunque dispares entre plantas– en general no superan la semana.

La Asociación de Consignatarios de Ganado mantuvo por tercera semana su referencia para el novillo gordo en US\$ 3,50, y también mantuvo la vaca, quedando en US\$ 3,25

A pesar del impulso que ha tomado el mercado del gordo, la reposición se mantiene cautelosa con el ternero que testea los US\$ 2. En el remate dePlazarural de esta semana el precio del ternero cayó 2 centavos respecto al anterior y promedió en US\$ 2,03.

En la semana que culminó el 15 de noviembre la faena de vacunos subió un 4,1% con respecto a la anterior y fue de 52.280 animales –la mayor en lo que va del año–. En comparación a la semana equivalente de 2013, fue un 27,1% mayor. Se faenaron 25.631 novillos (49% del total) y 25.607 vacas (la mayor cantidad desde diciembre de 2010), un 49% del total. La faena semanal de ovinos aumentó a 45.409 animales, un 14,9% superior a la faena de la semana previa, y fue un 11,3% inferior a la de la semana equivalente del 2013.

Por cuarto mes consecutivo el valor del Novillo Tipo registró un nuevo máximo desde que comenzó a elaborarse el indicador en 2007. El pasado mes de octubre subió un 3,6% respecto al valor de setiembre y alcanzó el récord de US\$ 1.337 por cabeza. Es la primera vez que supera los US\$ 1.300; desde noviembre de 2013 se mantiene arriba de US\$ 1.200.



El índice INAC para el kilo de novillo de la semana que terminó el 15 de noviembre cayó de US\$ 3,604 a US\$ 3,588 y se ubicó 4,9% por encima del precio de hace un año. El kilo de vaca INAC descendió marginalmente, al pasar de US\$ 3,316/kg a US\$ 3,315/kg, precio 5,1% superior al que había en 2013. El cordero INAC se incrementó, y pasó de US\$ 4,345 por kilo a US\$ 4,352, siendo 12,1% mayor al valor del año pasado.

El precio promedio de exportación para la carne bovina cayó de US\$ 4.358/t a US\$ 4.261/t. El promedio de las últimas cuatro semanas móviles fue US\$ 4.380 –máximo histórico– un 16,3% mayor al que tenía a igual momento de 2013. Mientras que en la carne ovina pasó de US\$ 4.818/ton a US\$ 5.078/ton. El ingreso promedio de las últimas cuatro semanas fue US\$ 5.064 y fue 21,4% mayor al de igual momento de 2013.

Existencias de ganado vacuno alcanzaron una cifra récord

Publicado el: 17 noviembre, 2014 Fuente: Agromeat Los campos naturales no paran de ofrecer pasturas a muy bajo costo en esta primavera que ha sido ideal. Los ganados lucen de la mejor manera. Lustrosos bajo la alternancia de sol y lluvia. El precio de exportación está en niveles récord. Según el Instituto Nacional de Carnes en octubre la carne uruguaya se colocó en promedio a u\$s 4.290 por tonelada, la producción de 2,9 millones de terneros este año es récord y la de los próximos dos años se mantendrá elevada. El país nunca tuvo tantas vacas en toda su historia. Hay oferta, hay demanda, y clima ideal. ¿Demasiado perfecto para ser cierto?

La ganadería uruguaya tiene la mayor población vacuna de la historia, y no solo eso.

La cantidad de vacunos en Uruguay continuará con un crecimiento acelerado luego del próximo entore, lo que pondrá un arduo desafío por delante. Por primera vez desde Hernandarias la Banda Oriental del Uruguay albergaba 12 millones de vacunos a mediados de 2014.

El dato será oficializado en pocos días más, pero puede calcularse sin dificultades. Es la mayor cantidad de la historia, a la que se agregan los casi tres millones de terneros que están naciendo en esta primavera. Y lo más importante es que el crecimiento se mantendrá al menos hasta 2016. Porque además de esos récords, de cantidad total y terneros, el país tiene un récord de vacas. El dato oficial debe mostrar un número cercano a 4,4 millones de vacas de cría, que muy posiblemente en la próxima primavera generen más de tres millones de terneros.

La población vacuna a mitad de cada año pasó de 11,7 millones en 2013 a 12 millones en 2014 y seguirá creciendo. Dicose en 2015 contará una población mayor que el récord actual, posiblemente entre 12,2 y 12,3 millones.

Esta sucesión de récords poblacionales es consecuencia de tres factores. Por un lado, un shock de expectativas que los ganaderos han tenido desde 2003, cuando Uruguay logró el ingreso de la carne vacuna en Canadá y EEUU. Desde entonces, la ganadería tiene un marco de seguridad para sus exportaciones como nunca antes tuvo.

Esa expectativa favorable tuvo solamente una interrupción de algunos meses entre la crisis de Lehman Brothers en setiembre de 2008 y el otoño de 2009. A la baja de precios derivada de la interrupción breve en las exportaciones siguió la última sequía importante que golpeó a Uruguay.

Las expectativas favorables venían de 2003 al quedar Uruguay habilitado a exportar a los países del Nafta vacunando contra la fiebre aftosa, una combinación que ningún otro país tiene y que marcó un hito vinculado a "la vaca les gana".

A partir de 2010 se ha sumado un segundo factor: las lluvias fueron muy abundantes, lo que siempre favorece a la ganadería vacuna. Y desde 2011, la persistencia de un precio de exportación muy cercano a los u\$s 4.000 por tonelada confirmó que la expectativa favorable tenía una comprobación tangible semana tras semana.

Hasta mediados de 2013, cuando empezó una baja de precios importante, los ganaderos uruguayos tuvieron todas las señales para expandir su producción.

En consecuencia mantuvieron todas las vacas que pudieron para generar la mayor cantidad posible de terneros. Vinieron años de faena escasa de hembras, y lograron una fuerte expansión del rodeo de hembras y de la capacidad productiva.

Intención de ampliar el uso de escáner en la faena continúa vigente INAC espera informe técnico de los equipos locales

PABLO ANTÚNEZ nov 21 2014 La instalación de más escáneres para la tipificación electrónica de la res durante el proceso de faena, apuntando a mejorar la calidad de carne, no está descartada. El INAC espera un informe técnico sobre los equipos desarrollados en Uruguay.

El vicepresidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Fernando Pérez Abella, confirmó que la idea de instalar más escáneres para la tipificación electrónica de las carcasas durante el proceso de faena, "sigue



firme" y explicó que se está a la espera de "un informe técnico" sobre los equipos que un grupo de expertos uruguayos está desarrollando.

En Uruguay, desde hace unos años, dos plantas exportadoras ya tienen instalados escáneres que tipifican electrónicamente la carcasa en el puesto 3 del sistema de "cajas negras", es decir previo al sistema de prolijado de la media res —conocido como dressing—, pero esos equipos fueron importados desde Alemania y tienen un costo alto. Los costos y básicamente los problemas que pueden generarse cuando hay que mantenerlos y se debe acudir a la empresa proveedora, están limitando un mayor crecimiento en el uso de esa herramienta.

En paralelo, un grupo de expertos uruguayos sigue trabajando en el desarrollo de un escáner similar y sobre esos equipos es que se espera un informe técnico.

La tipificación electrónica de la media res en la faena busca eliminar la desconfianza de los productores en la industria frigorífica y evitar discusiones sobre los rendimientos de los ganados que se industrializan.

En Irlanda, el sistema de escáner electrónicos es obligatorio en la industria frigorífica y hace unos años, una delegación de industriales y productores, los vio funcionando en plantas irlandesas, generándose una gran expectativa. Tiempo después, frigorífico BPU (propiedad del empresario inglés Terence Johnson) los instaló en Uruguay.

El uso de la tipificación electrónica a través de los escáneres, "me permitió tener una mejor relación con el productor y mejorar el tipo de producto, apostando a la calidad y avanzando siempre hacia el producto final", dijo a El País Jorge González, director de Solís Meat, una de las dos plantas que tienen los escáneres electrónicos alemanes ya instalados y en pleno funcionamiento. "Es un sistema objetivo de tipificación y a través de ellos se hace un pago objetivo", destacó.

En otras plantas hay otros proyectos en desarrollos que involucran a los equipos creados por expertos locales.

MGAP prepara veterinarios para certificación La certificación electrónica para la faena es un hecho

mar nov 18 2014 El Ministerio de Ganadería (MGAP) puso en marcha ayer un curso destinado a la acreditación de veterinarios de libre ejercicio que sean operadores de movimiento, destinado a la certificación electrónica de la faena.

Según se estima, el nuevo sistema de certificaciones de animales que son remitidos a los frigoríficos podría estar funcionando los primeros días de marzo de 2015.

Los 289 profesionales anotados para certificar los embarques a la industria cárnica estarán capacitándose durante varias semanas y la acreditación tiene una duración de cinco años.

Según dijo la directora del Sistema Nacional de Información Ganadera, María Nela González, la certificación electrónica de animales a faena "es revolucionaria porque dejará atrás el papel y la información se irá recibiendo en tiempo real"

A la vez consideró que el nuevo sistema "simplificará mucho los procesos y brinda mayor seguridad".

El curso en trámite incluye, además de algunos veterinarios con sus acreditaciones a término, a otros jóvenes recién recibidos, que deben ser operadores de movimiento. La certificación electrónica abarcará a bovinos y ovinos. El curso es apoyado por INAC y Sanidad Animal.

Siguen negociando apertura de Arabia para vacunos en pie

nov 15 2014 Las negociaciones sanitarias con Arabia Saudita para colocar ganado vacuno en pie con destino a engorde y faena están algo trabadas. Uruguay presiona para que se reconozca el status de libre de fiebre aftosa con vacunación, ratificado por la OIE.

Hasta 2012, Turquía fue el gran mercado para la exportación de bovinos en pie con destino a faena y engorde. Básicamente eran terneros livianos —en muchos casos enteros— y algunas vaquillonas que al salir en pie dinamizaban el mercado y ayudaban a mantener firmes los precios de la reposición.

Es que mantener la exportación de ganado en pie siempre fue una de las mayores demandas de las gremiales de productores y continúa siéndolo hoy.

Por eso, desde la División Sanidad Animal (DSA/MGAP) se negocia con varios destinos nuevos protocolos sanitarios que posibiliten ampliar el abanico de compradores, más allá de que al momento de vender, los costos y los precios jueguen un papel fundamental.

Entre esos mercados se encuentra Arabia Saudita básicamente para bovinos en pie con destino a engorde y faena, es decir, terneros livianos.

Aunque hay algunos avances, el director de la DSA, Federico Fernández, dijo a El País que los servicios sanitarios de Arabia Saudita están pidiendo algunas pruebas adicionales para que Uruguay demuestre la ausencia de fiebre aftosa, pero "Uruguay busca hacer respetar su status sanitario". Por otro lado, las pruebas elevarían los costos en la operativa de exportación y en las cuarentenas previas al embarque.

Desde 2003, Uruguay es reconocido en el mundo como un país libre de fiebre aftosa con vacunación y tras el envío de pruebas científicas, la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE) refrenda este status cada año.



Por otro lado, América del Sur lleva varios años sin focos de la enfermedad y ese es un gran avance respecto a la situación que se tenía de 2002 en adelante (ese año Uruguay fue sacudido por la epidemia de aftosa más grande de su historia).

Turquía.

En otros casos, como sucedió con Turquía, Uruguay también logró hacer valer su status de país libre de "lengua azul", una enfermedad viral que complicó a otros continentes.

En el marco del intercambio técnico entre los dos países "Turquía hizo algunas sugerencias que fueron desestimadas por Uruguay, por ser un país libre de lengua azul", adelantó Fernández. El reconocimiento del status implica que no se tenga que realizar análisis de laboratorio para demostrar que los animales no son portadores de la enfermedad.

El titular de la DSA recordó que el MGAP tenía una propuesta de protocolo que entra a regir a partir del 1° de febrero de 2015, pero reconoció que el tema más complicado era clarificar la situación de Uruguay en cuanto a la ausencia de la enfermedad "lengua azul".

Fernández, al igual que los operadores consultados por El País, consideró que "el protocolo sanitario se mantiene muy parecido y los cambios implementados no complican la operativa de venta". Entre esos cambios recordó que la cuarentena previa al embarque pasó de 15 a 21 días. "Son todos cambios razonables", sostuvo el jerarca sanitario.

Georgia.

Entre los mercados que se busca abrir para la misma categoría de animales citada anteriormente, está Georgia. Los operadores lo consideran clave porque está situado en el límite entre Asia y la Unión Europea, con costas al Mar Negro.

En ese sentido, Fernández dijo que se les envió una invitación para que llegaran a Uruguay, vieran ganado, recorrieran establecimientos y comprobaran el sistema de garantías ofrecido por el país, pero hasta el momento no hubo respuesta para el envío de la misión.

En paralelo, Ecuador mandó un nuevo protocolo sanitario para ganado lechero donde Uruguay también busca hacer su status sanitario de país libre de aftosa, tirando por tierra la exigencia de nuevas pruebas. A la vez se sigue negociando nuevos protocolos con China.

Esperan que reapertura de Turquía mejore precio de terneros en 2015 Embarques estarán operativos a partir de enero de 2015

+ Hugo Ocampo - 15.11.2014 Quedó rehabilitada la exportación de ganado en pie con destino a Turquía, luego que los servicios técnicos suscribieran el correspondiente acuerdo sanitario. Operadores privados espera que este tipo de negocios incida en una mejora del precio de los terneros para el próximo año.

Turquía que en el 2011 fue el principal comprador del ganado de Uruguay, había suspendido en los últimos tiempos este tipo de negocios. En el 2011 se exportaron con ese destino 173.328 animales en pie. El pasado miércoles se procedió a la firma del protocolo donde se establecen las condiciones sanitarias requeridas para exportar bovinos con destino a engorde hacia Turquía, informó el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP).

La propuesta de las autoridades turcas referidas a los requisitos exigibles para operar a partir de enero de 2015, fueron evaluadas por los equipos técnicos, generándose un intercambio de informaciones que permite alcanzar un acuerdo que reconoce el estatus sanitario del Uruguay.

Con el acuerdo para este tipo de animales, se hace factible la exportación de diferentes categorías de bovinos hacia Turquía.

Para el mercado de la reposición es una muy buena noticia, destacó a El Observador el presidente de Plaza Rural, Fernando Indarte. "Ya sabemos que Turquía paga mejores valores que los destinos que tenemos hoy en la exportación de ganado en pie". Consideró que ese mercado habrá de incidir en la próxima zafra de terneros, que por lo menos le va a poner un piso y que seguramente será mejor que este año.

El acuerdo introduce algunas variantes técnicas, pero se mantienen las características básicas de la operativa comercial para desarrollar este tipo de negocios, destacó por su parte el presidente de la Asociación de Consignatarios de Ganado, Alejandro Dutra,.

Agregó que se desconoce por ahora en que momento el gobierno turco habrá de liberar los permisos correspondientes para habilitar el ingreso de vacunos con destino a engorde y faena, dijo Dutra.

INAC sumó a la Junta Directiva dos nuevas sillas para gremiales. Ingresaron un representante por los productores y otro por el abasto

+ Hugo ocampo - 11.11.2014, Ayer se concretó el ingreso de las nuevas instituciones que se incorporan al Instituto Nacional de Carnes (INAC). En representación de los productores una delegación compartida entre Cooperativas Agrarias Federadas (CAF) y la Comisión Nacional de Fomento Rural (CNFR) y otro delegado por la Asociación de Plantas Frigoríficas Dedicadas al Mercado Interno.



El delegado titular de los productores es Jorge Slavica, de CAF, y el alterno José Mesa, de CNFR, quienes se turnarán en el cargo, en tanto que el presidente de la gremial industrial que nuclea a las plantas de abasto, Carlos Pagés, es el restante delegado que se incorporó a INAC.

Estas gremiales se suman a las que ya vienen actuando, la Asociación Rural del Uruguay (ARU) y Federación Rural (FR) por los productores y la Cámara de la Industria Frigorífica (CIF) y Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay (Adifu) por el sector industrial.

El presidente de INAC, Luis Alfredo Fratti, dijo a El Observador que se ha dado cumplimiento a una medida aprobada a nivel parlamentario, con lo cual ahora el instituto es más “plural, alcanzando una representación más amplia del sector ganadero y del ámbito industrial, lo que significa que se mantienen los equilibrios”.

Slavica aseguró a El Observador que asume un desafío al integrarse a un instituto que funciona muy bien. Resaltó que INAC ha transparentado mucho la información y que lo que “queremos es trabajar en que se le dé más valor a la cadena cárnica. Que a lo largo de la cadena se pueda derramar todo el ingreso que tiene y que si ganan los frigoríficos, que ganen también los criadores”.

Slavica sostuvo que tienen muchos productores socios que son criadores dentro del total de 13.000 que representan, como también es un objetivo de CNFR.

El presidente de CNFR, Mario Buzzalino, dijo a El Observador que tienen muchas expectativas por el ingreso a INAC, pero con algunas limitaciones porque “somos conscientes del peso que tiene la industria, que últimamente ha mirado más bien hacia adentro y no al conjunto de la cadena”.

Agregó que “el hecho de tener un lugar en INAC no nos garantiza mucho éxito, pero sí la oportunidad de que los productores tengan un espacio más donde hacer planteos e incidir en lo posible donde el sector primario no es bien tratado y resulta una injusticia”.

Por último, el nuevo delegado industrial opinó que la gremial estará aportando su visión sobre aspectos vinculados al mercado interno de la carne, reconociendo que la Junta Directiva y todo el INAC han trabajado muy bien durante mucho tiempo.

“Vamos a aprender y a tratar de sumar, y luego haremos nuestros planteos”, concluyó Pagés

Presidente de la ARU alertó que el aumento de costos es estructural

+ L. Farías y H. Ocampo - 12.11.2014 Si se toman como referencia los resultados ganaderos del año 2003, a la salida de la crisis provocada por la fiebre aftosa, los desempeños económicos del último ejercicio presentado por el Instituto Plan Agropecuario muestran que el valor de la producción bruta se multiplicó por tres, los costos se multiplicaron por cuatro y el ingreso de capital, lo que le queda al productor para vivir y reinvertir, se duplicó medido en dólares corrientes.

Sin embargo, en pesos constantes, fue apenas 13% más alto que el logrado en aquellos tiempos de crisis, dijo el presidente de la Asociación Rural del Uruguay (ARU), Ricardo Reilly, durante un discurso pronunciado en el tradicional Concurso de Novillos que se realizó ayer en Melilla.

El dirigente sostuvo que es necesario comprender que el incremento en los costos es estructural, pero no así el incremento en los ingresos, que son dependientes de los mercados y las vicisitudes del clima. Esta realidad es más cruda para productores criadores y peor aún si son de escala familiar.

Por otra parte, resaltó la importancia de las políticas públicas al resaltar que las políticas sanitarias “nos hacen un país creíble”. Destacó la labor de “nuestros servicios sanitarios” para la conservación de “nuestro estatus a nivel internacional”, luego de las difíciles secuelas de mercado que provocó la fiebre aftosa de 2001.

Resaltó también el sistema de trazabilidad ganadera, el liderazgo del Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria (INIA) en el área de investigación y el aporte de la Facultad de Agronomía a través de la Unidad de Producción Intensiva de Carne (UPIC).

En esa línea, remarcó también el reciente proyecto que procura identificar cuáles son los animales más eficientes en conversión de alimento a carne, en calidad de las mismas y luego seguir su genealogía hasta la identificación de los genes y su combinación, que determinan la excelencia.

El dirigente aseguró entre los desafíos está el problema de las diferencias arancelarias, que son cada vez más determinantes a la hora de exportar, y citó un informe de la Cámara de la Industria Frigorífica que indicó que Uruguay pagó US\$ 223 millones por concepto de aranceles en 2013. “ Esto significa el 17% del valor total de nuestras exportaciones cárnicas”, argumentó.

Reilly afirmó que reducir estos costos de ingreso a los mercados externos “requiere de una agresiva estrategia que nos permita consolidar acuerdos de libre comercio, como lo vienen haciendo otras economías que compiten con nosotros en el mundo”. |

Compartimento también para los vacunos

Reilly dijo que espera confiado que en el corto plazo se sume a los mercados ya existentes el acceso con carne ovina con hueso al Nafta, la UE y otros mercados, en alusión al Compartimento Ovino. Esto abriría una posibilidad de precios diferenciales, con el consiguiente impacto productivo y social que tiene la actividad ovina . “No debemos perder de vista que el Compartimento puede llegar a replicarse para



exportar carne bovina con hueso, exportación de animales en pie y material genético a países que aún cuestionan nuestro estatus en fiebre aftosa” por vacunar

PARAGUAY

Paraguay supera a Uruguay y ya es sexto exportador de carne, dice

11 de Noviembre de 2014 Nuestro país ya es sexto exportador mundial de carne bovina, pues en volumen ya superó a Uruguay, informó el presidente de la ARP, Germán Ruiz, en un foro celebrado en Londres. El volumen parcial a octubre comercializado por Paraguay asciende a 223.115 toneladas, mientras que Uruguay exportó 198.000 toneladas en el mismo lapso. Sin embargo, el país oriental ingresó más divisas que el nuestro, por el mejor precio negociado en sus mercados.

Una delegación público-privada, integrada por directivos de la ARP y varias autoridades nacionales, como el canciller Eladio Loizaga y el ministro de Agricultura y Ganadería, Jorge Gattini, participó del “Foro sobre comercio e inversiones entre Paraguay y el Reino Unido de Gran Bretaña”, celebrado en Londres, Inglaterra. En la ocasión, el titular de la ARP, ante 200 empresarios ingleses, destacó el continuo crecimiento de la ganadería de nuestro país e informó que Paraguay pasó a ser el sexto exportador mundial de carne bovina, superando a Uruguay en volumen. No obstante, en materia de precios, los uruguayos siguen llevando la delantera con US\$ FOB 1.196 millones, por sobre los US\$ 1.037 millones alcanzados por Paraguay.

Ruiz resaltó que a la par del crecimiento económico también aumenta la responsabilidad social de la ARP. Puso como ejemplo el hospital escuela indígena de Kambay (Caaguazú) y las fincas escuela para familias campesinas impulsadas con apoyo de la Fundación ARP para el desarrollo.

La exportación de harina “pisa los talones” a envíos de carne vacuna

ABC Color 10 de Noviembre de 2014 La exportación de harina recaudó US\$ 1.037 millones entre enero y octubre de este año, cifra que supera la alcanzada durante todo 2013 para este rubro. La harina se posiciona entre los cuatro productos de mayor salida, y le “pisa los talones” a la carne, con US\$ 1.151 millones, según BCP.

De acuerdo con los registros de comercio exterior divulgados por el Banco Central del Paraguay (BCP), el sector alcanzó un nuevo récord a octubre, al exportar unas 2.201.864 toneladas de harina en el periodo comprendido entre enero y el décimo mes de este año, lo que significó un ingreso de US\$ 1.037 millones. Dicha recaudación supera en 28% lo que ingresó en igual lapso del año pasado, con US\$ 811 millones, por 1.707.538 toneladas. También supera en 5% a todo el ingreso de 2013, que fue de US\$ 987 millones, por la exportación de 2.076.364 toneladas del producto.

Esta expansión del sector se da sobre un crecimiento extraordinario de 354%, en las partidas exportadas registradas el año pasado, destacándose como el rubro con el egreso más dinámico.

Entre tanto, el producto que lidera la tabla de los exportables son los granos de soja, que representan el 28% de todos los productos que comercializa el Paraguay y que al mes de octubre ingresó US\$ 2.300 millones.

Actualmente, nuestro país es el cuarto exportador mundial de la oleaginosa, y el sector exportó unas 4,8 millones de toneladas hasta octubre.

El segundo rubro de mayor salida, según el BCP, es la energía eléctrica, que generó ingresos por US\$ 1.818 millones, aunque se registra una disminución del 2,3% frente a igual periodo del año anterior.

En tercera posición se consolida la exportación de carne bovina, con US\$ 1.151 millones a octubre, aunque muy de cerca le sigue la harina, con ingresos de US\$ 1.037 millones.

La exportación de carne vacuna también registró un récord absoluto, ya que la cifra parcial 2014 superó los US\$ 981 millones, correspondientes a todo el 2013.

Más control de Rusia a Frigochorti

16 de Noviembre de 2014 El Servicio Federal Veterinario y Fitosanitario de Rusia, nuestro principal mercado de la carne, aumentó sus controles sobre la industria Frigochorti, que actualmente está habilitada para proveer de la proteína roja al mercado euroasiático, según revela la página oficial <http://www.fsvps.ru>.

La citada medida establecida con el color amarillo, señala que Rusia aumentará la vigilancia de laboratorio; esto significa que de cada envío de mercaderías exportadas por Frigochorti se tomarán muestras para pruebas de laboratorio.

Según el reporte de la institución rusa, 15 industrias paraguayas están habilitadas en la categoría verde, sin restricciones. Sin embargo, solo el Frigorífico Concepción está inhabilitado por Rusia, en la categoría roja.



UNIÓN EUROPEA

Producción comunitaria de carnes bovinas se mantendrá estable 2014/15

BordBia Monday, November 10, 2014 The latest European working beef forecasting group indicated that beef output will be up this year with a small decline in supplies expected for 2015, writes Eoin Kelly, Business Analyst at Bord Bia-Irish Food Board.

Beef output for 2014 in the EU-15 is expected to increase almost 4 per cent to 6.89 million tonnes, driven by increases in Italy, Germany, France and the UK. Irish supplies are expected to be over 13 per cent higher this year compared to previous levels.

Production increased particularly in countries where numbers of dairy cows are increasing to coincide with quota removal next year.

Outside of the EU-15, Poland is expected to see a decline in production this year, with a 6 per cent decline on 2013 levels expected.

Looking towards 2015, preliminary forecasts show beef output in the EU-15 region is expected to decrease by less than one per cent.

Production is likely to increase in France, Spain, Netherlands, and Belgium next year.

However production is anticipated to decline in Germany, Italy, the UK and Ireland.

Overall consumption levels within the EU fell last year by over two per cent, but this trend is set to be remain relatively stable this year, with a small decline of less than one per cent expected. Little change in consumption is expected in 2015.

The EU continues to be a net exporter of beef, however exports in 2013 were down 11 per cent on 2012 figures.

This decline is largely driven by a 28 per cent and 94 per cent reduction in exports to Russia and Turkey.

Declining exports have been offset somewhat by increased trade into African countries such as Algeria, and Asian markets such as Hong Kong.

The majority of beef imports into the EU continue to come from South America, followed by Oceania and USA.

Imports into the EU in 2013 were up by 9 per cent on 2012 figures, driven largely by a 15 per cent and 32 per cent increase in imports from Brazil and Australia respectively.

However, beef imports into the EU in 2013 were 40 per cent of the peak levels recorded in 2007.

For January to August this year imports from Brazil have remained stable, with other South American imports showing a decline. This has been offset somewhat by an increase in Australian imports by 29 per cent.

ITALIA debe mejorar el bienestar animal en los mataderos, según un informe de la FVO

18/11/2014 La Oficina de Alimentos y Veterinaria de la Unión Europea (FVO) desarrolló en el mes demarco pasados una misión en Italia con el fin de evaluar la efectividad de los controles en materia de bienestar animal que se realizan en los mataderos italianos, de acuerdo con el Reglamento (UE) nº 1099/2009. Dicho informe pueden cosultarlo en la sección Documentos de eurocarnedigital.

En la auditoría, los inspectores de la FVO también verificaron si las indicaciones en cuanto a la calidad del bienestar animal en las aves son tenidas en cuenta por los mataderos, si sólo se envían animales aptos para el matadero a este tipo de instalaciones y si estas medidas son apoyadas por sacrificios de emergencia dentro de las explotaciones ganaderas. También se buscó identificar qué tipo de prácticas realizaban las autoridades competentes en relación con el Reglamento (UE) nº 1099/2009.

El informe concluye que las autoridades competentes a nivel nacional ha puesto en marcha un sistema que permite que otras autoridades regionales lleven a cabo controles oficiales y, si es necesario, acciones concretas para garantizar el cumplimiento de la legislación europea. Este sistema se basa fundamentalmente en la Directiva 93/119/CE, del año 1993, y evidentemente anterior a la legislación europea más actual por lo que no puede asegurar la eficacia y adecuación de los controles oficiales en este ámbito.

Los inspectores constataron que el bienestar animal está asegurado en los mataderos de vacuno, porcino y ovino pero, sin embargo, en el caso de los de aves que utilizan como método de aturdimiento el aturdimiento eléctrico por inmersión de la cabeza de las aves en un baño de agua electrificado. Encontraron problemas de bienestar animal entre el colgado de las aves hasta el punto de entrada en los tanques para el escaldado.

Desde las autoridades italianas se han desarrollado protocolos para las excepciones de aturdimiento en el momento del sacrificio y también hay instrucciones específicas en cuanto a los sacrificios en explotaciones ganaderas ante posibles accidentes y animales no aptos para el matadero. Estas labores son realizadas por personal cualificado.



Los inspectores también verificaron que los sistemas puestos en marcha por las autoridades competentes para realizar el seguimiento del bienestar animal en mataderos de aves no permitían detectar señales de que no se cumplían con las normas necesarias dentro de los mataderos.

Una de las partes del informe realiza una serie de recomendaciones a las autoridades italianas para hacer frente a las deficiencias observadas

Suspendidos los movimientos de aves en Países Bajos tras la detección de un brote de gripe aviar También se ha detectado otro brote de gripe aviar en Reino Unido

18/11/2014 Las autoridades holandesas han suspendido el transporte de aves dentro del país tras detectarse un brote de gripe aviar en el centro del país. La enfermedad se detectó en una granja de 150.000 aves de la localidad de Hekendorp el pasado sábado y se ha procedido a su vaciado sanitario. La variante detectada, según la información de la OIE es la H5N8.

La prohibición de los movimientos de aves y sus productos fue impuesta el pasado domingo y durará unas 72 horas tanto para las aves como para los ovoproductos. También se ha prohibido la caza en el país. En el caso de las 16 granjas ubicadas en un radio de 30 km a la zona afectada la prohibición de movimientos durará unos 30 días.

Otro brote de gripe aviar ha sido detectado también en una granja dedicada a la cría de patos ubicada en el condado de Yorkshire. En Alemania también se ha detectado esta misma variante de la gripe aviar este mes de noviembre. El H5N8 ha atacado en algunos países asiáticos pero hasta ahora no se había presentado en Europa.

El Centro para la Prevención y el Control de las Enfermedades (ECDC) ha calificado de bajo el riesgo de que la enfermedad animal pueda llegar a ser transmitida a los humanos si se aplican correctamente los protocolos tras la detección de los brotes. Desde la Comisión se ha pedido a los Estados miembros de la UE que refuercen su vigilancia en las granjas de este tipo.

ESTADOS UNIDOS

Reducen la proyección de la producción de carnes bovinas para 2015

13 November 2014 US - USDA yesterday updated its projections for US beef, pork and poultry supplies and consumption in 2015, write Steve Meyer and Len Steiner.

Some of the Highlights:

Beef: USDA lowered its forecast for beef production in 2015 by 125 million pounds and currently pegs beef output for next year at 23.736 billion pounds, down 3.2 per cent compared to 2014 levels.

Beef production has been steadily declining in recent years while at the same time we have had a significant recovery in US economic conditions and a resurgence in demand for meat protein.

We continue to see arguments out there that the surge in cattle/beef prices somehow represents a speculative bubble ready to collapse. We think recognising the dramatic decline in beef availability at a time when consumers both in the US and abroad want more of it is a more convincing argument as to why prices are so high.

In 2010, beef production was 26.304 billion pounds. The latest USDA forecast is that next year production will be about 2.5 billion pounds (-10 per cent) lower. On a per capita basis, beef availability is currently forecast to be down 12 per cent compared to what it was just five years ago.

Current record high cattle prices are sending a signal to consumers to change how they consumer beef (eat/ waste less) and they also are sending a signal to producers to ramp up production.

Unfortunately, bringing more beef to market is a multi year process with significant structural issues in the way.

Pork: USDA reduced its projections for pork production next year by some 305 million pounds (-1.3 per cent).

The reduction likely reflects a recognition that even as PEDv impact may ease, we could continue to see residual effects this winter.

Carcass weights next year will likely be steady to maybe even lower than in 2014, thus the increase in production will have to come from more pigs coming to market.

USDA still expects US pork output next year to be up 4.2 per cent compared to 2014 levels and slightly higher than in 2013.

Ganaderos podrían verse beneficiados por un “mini – boom” en los próximos años

By Emma Hopkins, Ag Answers November 19, 2014 Livestock producers can look forward to an economic “mini-boom” that may last for the next several years, providing opportunities for expansion of herds and flocks, Purdue University agricultural economist Chris Hurt says.



Hurt said high grain prices from 2006-2012 led livestock farmers to downsize herds to cover the extra feed expenses. The price of livestock products increased, fewer meat products were available on the market, and consumers began to eat less meat. So this year, prices are at record highs for cattle, hogs, poultry, milk and eggs.

With record-high animal prices and now much lower feed prices, profit margins for the animal industries have risen to strongly favorable levels, Hurt said. Profit prospects have these industries ready to expand.

"If the years from 2007 to 2013 could be described as the 'Grain Era,' in which crop sector incomes had an extraordinary run, the coming period may be described as the 'Animal Era,' when producers of animal products have strong returns," Hurt said.

Rising per-capita consumption of meat will also be a driver in this mini-boom phase, since animal products will become more affordable, Hurt said. As an example, the amount of meat available each year reached about 220 pounds per-capita when corn was \$2 a bushel. By this year, only 200 pounds is available.

"We can expect that a portion of this lost consumption will be recovered in the next three to five years as producers increase supplies and drive down retail prices of animal products for consumers," Hurt said.

This positive period for animal agriculture will also be economically good for rural communities with large numbers of livestock, along with businesses that carry animal management supplies.

"Animal industries are expected to rebound in coming years led by rising per-capita consumption, continued small growth in U.S. population and growing export demand," Hurt said. "The animal industries finally have a positive multiyear outlook."

VARIOS

CHINA y AUSTRALIA firmaron un TLC - Carnes, lácteos y otros rubros serán los favorecidos

EFEmar nov 18 2014 China y Australia firmaron ayer, en la ciudad australiana de Camberra, una declaración de intenciones para alcanzar un tratado de libre comercio (TLC).

El texto fue suscrito por el ministro australiano de Comercio, Andrew Robb y su homólogo chino, Gao Hucheng, en un acto al que asistió el presidente de China, Xi Jinping, y el primer ministro de Australia, Tony Abbott.

El comercio entre Australia y China pasó de los US\$ 86 millones de hace cuatro décadas a US\$ 136.400 millones en 2014. Cuando entre en vigor, el acuerdo eliminará los aranceles a los productos lácteos y vacunos australianos, así como a las exportaciones de ganado y carne ovina, además de los minerales, los productos gasísticos y el petróleo crudo.

El TLC que se negocia desde hace cerca de una década podría reportar a las arcas australianas US\$ 18.000 millones (unos 14.350 millones de euros) en los próximos años. "Este es el primer acuerdo que China ha concluido con una economía importante y es el más completo que China ha suscrito con un país", dijo Abbott, al destacar que el pacto "aportará miles de millones a la economía, creará trabajos y proporcionará a los australianos altos niveles de vida".

RUSIA: Estudian implantar un límite máximo a la venta de carnes de origen importado a nivel minorista

Fonte: globalmeatnews.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint 10/11/2014

O Parlamento russo está pensando em proibir os varejistas de venderem mais de 50% de produtos de carne importada, em uma tentativa de estimular o desenvolvimento da indústria doméstica de carnes.

A nova lei, que ainda está em consideração, não somente afetará as carnes, mas os demais produtos, o que poderá levar alguns varejistas a sair do mercado e outros a aumentar os preços desses produtos.

A notícia veio ao mesmo tempo que o órgão veterinário russo, Rosselkhoznadzor, anunciou restrições temporárias sobre as importações de certos produtos de carne da União Europeia (UE), que atualmente não estão cobertos pelo embargo existente. Isso inclui subprodutos bovinos, como por exemplo, gordura, "devido a várias detecções de substâncias proibidas e prejudiciais".

Quando a Rússia fechou suas portas às importações de carne bovina da Europa, os varejistas mudaram para a carne mais cara do Brasil e aumentaram os custos de logística de carnes mais baratas, como suína e frango, embora essas sejam em sua maioria de origem russa.

Essa lei proposta também deverá prejudicar as redes varejistas premium, que oferecem até 90% de sua carne importada. Essas provavelmente fecharão as portas, na opinião de especialistas.

CHINA abre mercado a las carnes rojas CHILENAS Autoridades publicaron listado de plantas procesadoras autorizadas para exportar.

Fuente: La Tercera, 11.11.2014 Con la publicación del listado de plantas autorizadas para la exportación, China abrió su mercado a los envíos de carnes rojas chilenas. Es el último paso de un proceso que partió con el Tratado de Libre Comercio, vigente desde 2006.



Al mismo tiempo, se firmaron los protocolos que regulan el envío de vaquillas en pie, aunque aún está pendiente el acuerdo del certificado de exportación para que esto pueda concretarse. "Es una muy buena noticia, sobre todo para las regiones de Los Ríos y Los Lagos", comentó el ministro de Agricultura, Carlos Furche, quien estimó que esta temporada, por primera vez, podrían exportarse unas 12 mil vaquillas.

La autorización es para carnes rojas, bovinas y ovinas. Los envíos de cerdo se iniciaron hace ya tres años y según datos de Asprocer en 2013 llegaron a US\$ 30 millones, el doble que en 2012. El ministro Furche comentó que si bien en ovinos la capacidad de exportación, que se concentra en Magallanes, está prácticamente copada, la apertura de un nuevo mercado "debería servir de estímulo a la producción".

El acelerado crecimiento económico de China en los últimos años se ha traducido en un aumento de los ingresos de los ciudadanos chinos cercano al 7% anual, lo que a su vez los ha hecho cambiar su dieta, integrando proteínas de mejor calidad. Según información de Odepa, la producción interna pudo satisfacer la demanda de carne hasta 2008. A partir de entonces, el sector se ha apoyado cada vez más en las importaciones, con un crecimiento en volumen de 380% en 2013, a 279.000 toneladas. Los principales proveedores son Australia (50%), Uruguay, Nueva Zelanda y Canadá.

El consumo de carne vacuna ha pasado de 0,32 kilos per capita en los 80 a 5 kilos en 2009 y se espera que suba a 6 kilos en 2025. La cifra es inferior a los 20 kilos per cápita de los países occidentales, pero resulta significativa considerando el tamaño de la población china: llegaría a 1.390 millones de personas para 2030.

El TLC con China ha permitido que las exportaciones totales de Chile a ese mercado hayan llegado a US\$ 19.090 millones en 2013, un alza de 263,2% en siete años. Si bien los envíos de productos mineros y celulosa concentraron el 91% del total en 2013, existe una diversificación creciente: mientras las mineras subieron 9,7% promedio entre 2007 y 2013, las silvoagropecuarias y pesqueras lo hicieron en 51,2%. Así, desde la firma del TLC, los envíos agropecuarias chilenas a China aumentaron 379%.

NUEVA ZELANDIA y COREA DEL SUR negociaron acuerdo de libre comercio. Arancel de la carne bovina se reduciría en los próximos quince años

TheCattleSite News Desk – 18 November 2014 NEW ZEALAND - New Zealand's recently signed Free Trade Agreement with Korea is a positive step in freeing up our trade relations and represents an absolute bottom line for the quality of outcomes for further agreements. "We appreciate how difficult it has been to reach an agreement with Korea, and are pleased to now be on a level playing field with our trade competitors in that market," says Dr William Rolleston, Federated Farmers President. "Free Trade Agreements are about ensuring meaningful liberalisation of agricultural trade by removing trade barriers, tariffs and quotas, and negotiations must be vigilant. We must be careful not to let the long phase-out period affect other trade negotiations such as the TPP. "Whilst we were not the first cab off the rank, and not everything has been included in this agreement, a \$65 million reduction in tariffs in the first year is meaningful to our primary industries. This is set to increase by three percent a year for the next 15 years. "Our beef industry stands to gain a lot from this agreement. Korea is New Zealand's fourth largest export market by volume, and now set to reduce its 40 per cent tariff over 15 years. "The political sensitivity in reaching this agreement is significant, with Korea's farmers vehemently opposed to agricultural liberalisation. However, our relationship has been solid with Korea since we stood beside them in the Korean War and we are compatible trading partners, helping this agreement get over the line. "This is not just good business for New Zealand. Reaching an agreement makes good business sense for Korea too. We are a trade friendly country, with most of our imports tariff free, our highest tariff rate being 10 per cent. Without a Free Trade Agreement they would risk losing their market share to other competitors we have FTA's with. "We commend the efforts that have gone into getting this agreement together, but it's not over yet. New Zealand and Korea will now have to seek approval of the Fair Trade Agreement before agreeing on a date to bring it into force," concluded Dr Rolleston.

EMPRESARIAS

Minerva reportó pérdidas por R\$ 193,8 millones

Resultado foi obtido no terceiro trimestre deste ano. Ebitda cresceu 8,9% ante mesmo período de 2013
Fonte: Reuters 7 de novembro, 2014 - A Minerva Foods, uma das principais produtoras de carne bovina da América do Sul, anunciou nesta quinta-feira, 6, prejuízo líquido de R\$ 193,8 milhões no terceiro trimestre, ante lucro de R\$ 1,4 milhão no mesmo período do ano passado.

O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) atingiu R\$ 177,8 milhões, crescimento de 8,9% na comparação com o mesmo período do ano passado.



JBS registrou ganancias récords en el tercer trimestre de 2014

Fonte: Valor Econômico 21/11/14 A JBS registrou o maior lucro trimestral de sua história de julho a setembro, alcançando R\$ 1,092 bilhão, quase cinco vezes superior ao do terceiro trimestre de 2013 (R\$ 219,8 milhões).

No terceiro trimestre, a receita líquida da JBS atingiu R\$ 30,778 bilhões, 27,1% a mais que no mesmo período de 2013 (R\$ 24,222 bilhões). Já o Ebitda ajustado chegou a R\$ 3,617 bilhões, mais que o dobro que no mesmo período de 2013 (R\$ 1,709 bilhão).

A JBS também teve uma geração de caixa operacional de R\$ 3 bilhões e uma geração de caixa livre de R\$ 2,1 bilhões.

A JBS também conseguiu reduzir seu índice de alavancagem para 2,54 vezes no fim do terceiro trimestre. No fim de junho, esse índice era de 3,15 vezes. Em 30 de setembro, a dívida bruta da JBS totalizava R\$ 38,456 bilhões e havia disponibilidade de R\$ 12,578 bilhões de recursos em caixa. Com isso, a dívida líquida da empresa totalizava R\$ 25,848 bilhões em setembro.

A JBS USA Carne Bovina (operações nos EUA, Austrália e Canadá) teve crescimento de 24,7% na receita líquida, para US\$ 5,849 bilhões. Já o Ebitda cresceu mais do que quatro vezes, para US\$ 504,9 milhões. A margem Ebitda, por sua vez, subiu de 2,7% para 8,6%.

A controlada americana Pilgrim'sPride teve uma receita líquida de US\$ 2,268 bilhões no terceiro trimestre (+5,8%). No período, o Ebitda da Pilgrim's praticamente dobrou, a US\$ 435,4 milhões, e a margem Ebitda atingiu 19,2%.

No caso da JBS Foods, no terceiro trimestre, a margem Ebitda foi de 17,1%, ante 14,3% no segundo trimestre.

Única unidade de negócios a registrar desempenho pior no terceiro trimestre, a JBS Mercosul teve queda de 15,2% no Ebitda, para R\$ 554,6 milhões, e a margem Ebitda recuou de 11,3% para 8,6%.

JBS compra la mayor empresa australiana productora de chacinados

JBS the world's biggest meat producer, said it plans to increase exports to Asia after paying A\$1.45 billion (\$1.3 billion) to buy Primo Group, the largest producer of ham and bacon in Australia and New Zealand.

JBS will also use the deal to produce more higher-cost processed foods, the Sao Paulo-based company's Australian unit said in an e-mailed statement. Separately, JBS said yesterday it agreed to buy a Brazilian poultry business for \$169 million.

Buying Primo gives JBS an opportunity to take advantage of pork demand in China which has led to a four-fold increase in imports of the meat since 2009, according to data compiled by Bloomberg. Australia currently exports minimal quantities of pork to the world's biggest consumer of the meat because of the lack of certification for local products and tariffs of as much as 20 percent that will be removed by 2018 due to a free-trade agreement announced between Canberra and Beijing this week.

"People have money and therefore they'll demand more high-quality meat," Zhangyue Zhou, a business professor at James Cook University in Townsville, Australia, said by phone. Changing tastes will also support Australian exports as urban residents show more interest in "products like bacon that Chinese people don't normally eat," he said.

Pork makes up more than two-thirds of meat consumption in China, thanks to historical difficulties in transporting beef and lamb that made it and poultry the most affordable meats, he said.

Rising Demand

Demand is already increasing in China, which makes up about half of the global pig herd, and the country may account for more than 75 percent of worldwide pork-consumption growth during the next five years, according to Bloomberg Intelligence.

Securing certification of abattoirs and improving the export supply chain will be necessary to take advantage of the reduced trade tariffs, Emily Mackintosh, a spokeswoman for industry body Australian Pork Ltd., said by phone after the announcement.

"JBS is the logical owner of Primo," Brett Sutton, head of Australia and New Zealand for the target's controlling shareholder Affinity Equity Partners, said in the statement. "Primo will be positioned for even stronger growth over the longer term" as part of JBS.

Affinity, the private equity firm which in August paid A\$336 million for a stake in Virgin Australia Holdings Ltd.'s frequent-flier program, will sell its 70.1 percent share of the closely-held producer of packaged meats as part of the deal. It bought the stake in 2011.

JBS shares were little changed at 10:19 a.m. in Sao Paulo.

In a Brazilian regulatory filing yesterday, JBS said its Foods unit agreed to pay 430 million reais (\$169 million) for all shares in AMSE02 Participacoes Ltda., owner of Grupo Big Frango which slaughters about 460,000 birds a day and has annual sales of more than 1 billion reais.